

UNIFAE – Curso de Bacharel e Formação de Psicólogo

Técnicas do Exame Psicológico – Prof. Dr. Lucas V. Dutra

TAT: Teste de Apercepção Temática, de Henry Murray – PRIMEIRO RESUMO
Apostila elaborada com fins didáticos, para os alunos do 3º ano.

Introdução

1. Dentro do campo da Psicologia Clínica, os *testes projetivos* são destinados à investigação da personalidade e a maioria contém estímulos ambíguos e pouco estruturados, permitindo aos examinandos apresentarem, em suas respostas, as projeções de suas próprias necessidades e conflitos. O termo '**projeção**' ficou conhecido quando Freud, em 1894, escreveu '*Neurose de Angústia*' e, em '*As Neuropsicoses de Defesa*' (1896), foi que definiu mais explicitamente o conceito de projeção, como um processo defensivo que consiste em atribuir os próprios impulsos, sentimentos e afetos a outras pessoas ou ao mundo exterior, e isto nos permite ignorar estes fenômenos 'indesejáveis' como pertencentes a nós mesmos.

2. Por outro lado, a projeção enquanto processo não é característica somente de mecanismos de defesa, mas ocorre também em situações onde não existem conflitos. A projeção de percepções internas para o exterior é um mecanismo mais primitivo, que acontece também com nossas percepções sensoriais, de modo que normalmente desempenha um papel principal na *configuração* de nosso mundo exterior. O pressuposto básico de Freud é que as lembranças de percepções já experienciadas influenciam as percepções de estímulos atuais. O TAT baseia-se nesta hipótese.

3. Assim, se as lembranças dos perceptos influenciam a percepção dos estímulos correntes – e podemos considerar que sejam todos com fins defensivos - a natureza das percepções e suas interações mútuas constituem o campo da psicologia da Personalidade.

4. BELLAK define o termo '*apercepção*' como uma interpretação (dinamicamente) significativa que um examinando faz diante de uma percepção. Esta definição e o uso do termo *apercepção* pressupõe a existência de um processo hipotético de percepção não interpretado e que, portanto, toda interpretação subjetiva constitui uma distorção *aperceptiva*, dinamicamente significativa pois, de outro lado, também pode se estabelecer, operacionalmente, uma condição de percepção '*objetiva*', cognitiva, quase pura, que maioria dos examinandos consensuam sobre a qualidade exata de um estímulo. A maioria dos examinandos concorda que a lâmina 01 do TAT mostra um garoto junto a um violino. Portanto podemos estabelecer esta percepção como uma norma e dizer que todo aquele que, por ex., descreve esta lâmina como um garoto junto a um lago, altera *aperceptivamente* a situação que serve de estímulo. Se todos os examinandos interpretam de maneira distinta a lâmina (como um garoto triste, ambicioso, etc...) devemos estabelecer que a percepção puramente cognitiva continua sendo uma hipótese e que toda pessoa distorce *aperceptivamente*, sendo somente o grau a diferença entre uma distorção e outra. No uso clínico do TAT torna-se evidente que estamos diante de distorções *aperceptivas* de grau distinto. Normalmente o examinando não tem consciência de nenhuma significação subjetiva na história que relata.

Histórico e Fundamentos Teóricos

5. Henry MURRAY (1893-1988), após seus estudos de Medicina em Harvard (onde foi posteriormente Diretor da Clínica Psicológica daquela instituição), interessou-se pelas obras de Freud e Jung, dedicando-se ao estudo multidisciplinar da imaginação e da organização da personalidade. Dedicou 40 anos à observação e explanação dos fatos constitutivos da história da vida do ser humano, elaborando a composição de um sistema compreensivo da personalidade humana.

6. Para criar o TAT, Murray partiu do princípio de que diferentes pessoas frente a uma mesma situação vital, experimentam-na cada um à sua maneira, a partir da sua perspectiva pessoal. Este modo pessoal de elaborar uma experiência revela a atitude e a estrutura do indivíduo frente à realidade experimentada.

7. Se expusermos um sujeito a uma série de situações sociais típicas, possibilitando-lhe que expresse seus sentimentos, imagens, idéias e lembranças vivenciadas em cada confrontação, poderemos ter acesso à personalidade subjacente. Este procedimento favorece a projeção do mundo interno do sujeito.

8. Assim, Murray e seus assistentes coletaram anúncios, fotografias, pinturas e gravuras, que foram posteriormente redesenhadas para apresentarem um estilo uniforme. O resultado foram reproduções de situações dramáticas, com contornos imprecisos, impressões difusas e tema implícito. Examinando o material a pessoa, sem perceber, identifica-se com uma personagem por ele escolhida e, comunica, com total liberdade e por meio de uma história completa, sua experiência perceptiva, mnêmica, imaginativa e emocional. Deste modo pode-se conhecer quais situações e relações sugerem ao indivíduo temor, desejos, dificuldades, bem como necessidades e pressões fundamentais na dinâmica subjacente da sua personalidade.

9. Murray considerou que a teoria freudiana das pulsões inconscientes, sexuais e agressivas pecava por constituir uma certa simplificação da complexidade multifacetada da motivação humana. Apesar de admirar Freud e sua obra, Murray acreditava que sua primeira teoria libidinal era excessivamente restrita e limitada. Desenvolveu então sua *Personologia*, uma teoria basicamente motivacional, onde os conceitos de **necessidade** e **pressão** são centrais.

10. **NECESSIDADE** é um constructo que representa uma força, na região cerebral, que organiza a percepção, a apercepção, a inteligência, a consciência e a ação, de modo a transforma-la em uma determinada direção, ou seja, em uma situação insatisfatória existente. Em outros termos, a necessidade gera um estado de *tensão* que conduzirá a ação no sentido de chegar à satisfação que, por sua vez, reduzirá a tensão inicial, restabelecendo o equilíbrio. Esta necessidade, produzida por forças internas ou externas, **sempre** é acompanhada por um sentimento ou emoção. A presença de uma necessidade pode ser identificada pelo comportamento envolvido, pelo efeito ou resultado final do comportamento, pela expressão de satisfação (ou desapontamento) frente ao resultado, pelas expressões de afeto ou emoção e ainda pela atenção e pelas respostas seletivas frente a uma determinada classe de objetos. Murray catalogou uma lista das principais necessidades.

11. **PRESSÕES** são os determinantes do meio externo que podem facilitar ou impedir a satisfação da necessidade, representando a forma como o sujeito vê ou interpreta seu meio. Murray, não obstante considerar a **personalidade** como uma entidade formulada abstratamente, procurou defini-la como um *compromisso* entre os impulsos da pessoa e as demandas do ambiente: é o agente organizador e administrador do indivíduo, cuja função é integrar conflitos e pressões, visando à satisfação das necessidades. Trata-se de um enfoque dinâmico, apesar de reconhecer elementos estáveis (id, ego, superego, ideal de ego, etc.).

12. A *Personologia* procura considerar a pessoa naquilo que ela tem de mais próprio na sua relação consigo e com o mundo. A condução da interpretação deve ser realizada a partir da identificação das necessidades e pressões recebidas pelo sujeito e o mais importante é descobrir num indivíduo a **direcionalidade** de suas atividades, sejam elas mentais, verbais ou físicas.

Método

13. O TAT é considerado uma técnica projetiva que consiste em apresentar uma série de pranchas selecionadas previamente pelo examinador ao sujeito, que deverá contar uma história sobre cada uma delas. As narrativas obtidas revelam frequentemente componentes importantes da personalidade, decorrentes de duas tendências psicológicas: a tendência de interpretar uma situação humana ambígua baseando-se nas suas experiências passadas e em seus anseios atuais, e a outra tendência, a de utilizar o acervo de suas experiências passadas e expressar seus sentimentos e necessidades (conscientes e inconscientes).

14. **MATERIAL:** Constitui-se de 31 pranchas abrangendo situações humanas correntes, habituais. Para cada pessoa devem ser apresentados 20 estímulos, redundando em 20 'estórias'. O grau de realismo é variado, sendo as 10 primeiras mais estruturadas e as demais menos estruturadas. Cada prancha apresenta impresso no verso apenas um número ou um número seguido de uma ou mais letras, indicando a ordem de apresentação, sexo ou idade.

15. Na edição brasileira, adotou-se a seguinte convenção:

Tipo de Estímulo	Convenção
Universal	Apenas o número
Para mulheres	Número seguido de 'F'
Para homens	Número seguido de 'H'
Para crianças do sexo feminino – meninas	Número seguido de 'M'
Para crianças do sexo masculino – rapazes	Número seguido de 'R'

16. Sabe-se que o uso de figuras (a) é eficaz para estimular a imaginação; (b) obriga o sujeito a lidar, à maneira dele, com algumas situações clássicas da vida humana e (c) permite obter vantagens, visto serem estímulos padronizados. A atual seleção de pranchas constitui-se na terceira revisão da obra original de 1936, publicada pela Clínica Psicológica de Harvard.

17. O TAT não é um instrumento adequado para crianças, substituindo-se pelo CAT – Children's Apperception Test.

18. A prancha 3RH, embora destinada a indivíduos do sexo masculino, tem se mostrado mais produtiva para pessoas do sexo feminino do que a correspondente 3MF, o que também a recomenda sua aplicação para elas.

19. Temas evocados pelos estímulos – ver p. 15 a 20 do Manual.

Administração do Teste.

20. – *PREPARAÇÃO DO SUJEITO*: A maioria dos sujeitos não precisa de nenhum preparo, além de algum motivo razoável para se submeter ao teste. Para aqueles limitados, pouco responsivos, resistentes ou desconfiados, ou aqueles que nunca passaram por provas escolares ou testes psicológicos aconselha-se começar por uma tarefa menos exigente (pode ser outro tipo de teste psicológico).

21. *AMBIENTE*: a situação de cordialidade, o aspecto do consultório (inclusive o mobiliário) assim como o sexo, a idade, atitudes e personalidade do examinador podem afetar a liberdade, vivacidade e a direção da atividade imaginativa da pessoa que realizará o teste. Um ambiente acolhedor, receptivo é importante para que o psicólogo consiga a maior quantidade de material e com a melhor qualidade possível.

22. INSTRUÇÕES:

Primeira sessão: estando o sujeito sentado numa cadeira confortável, ouvirá uma instrução de realização, conforme os modelos possíveis abaixo.

FORMA "A" – para adolescentes e adultos de grau médio de inteligência e cultura:

"Este é um teste de imaginação, que é uma das formas da inteligência. Vou mostrar-lhe algumas pranchas, uma de cada vez, e sua tarefa será inventar, para cada uma delas, uma história com o máximo de ação possível. Conte-me o que levou ao fato mostrado na prancha, descreva o que está acontecendo no momento, o que os personagens estão sentindo e pensando. Conte depois como termina a história. Procure expressar seus pensamentos conforme eles forem ocorrendo em sua mente. Você compreendeu? Como você tem 50 minutos para as dez pranchas, você pode utilizar cerca de 5 minutos para cada história. Aqui está a primeira prancha".

FORMA "B" – para crianças, adultos pouco inteligentes ou de pouca instrução e psicóticos:
"Este é um teste para contar histórias. Eu tenho aqui algumas pranchas que eu vou lhe mostrar. Quero que você faça uma história para cada uma delas. Conte o que aconteceu antes e o que está acontecendo agora. Fale o que as pessoas estão sentindo, pensando e como termina a história. Você pode fazer o tipo de história que quiser, compreendeu? Bem, então aqui está a primeira prancha. Você tem 5 minutos para fazer uma história. Faça o melhor que puder".

As palavras exatas destas instruções podem ser adaptadas conforme a idade, inteligência, personalidade e condições peculiares de cada sujeito. Não se deve dizer no início *"Esta é uma oportunidade para você usar livremente sua imaginação"* pois essa forma de instrução suscita por vezes no sujeito a suspeita de que o psicólogo pretende interpretar o conteúdo de suas associações livres, como ocorre na psicanálise. Tal suspeita pode causar grave dano à espontaneidade do pensamento do sujeito. Convém que o analisando acredite que o psicólogo está interessado somente em sua aptidão criativa ou literária.

Terminada a primeira história (e desde que haja base para isso) o sujeito deve ser discretamente elogiado. E, a menos que tenha seguido TODAS as instruções com precisão, será preciso relembrar-lhe as mesmas, como por exemplo: *"Certamente foi uma boa história, mas você esqueceu de dizer como o menino reagiu quando sua mãe o repreendeu, deixando a narrativa no ar... Não houve um desfecho para ela; você gastou nela 3 minutos e meio. As outras podem ser um pouco mais compridas. Procure fazer o melhor que puder com esta segunda prancha".*

O psicólogo não deverá dizer mais nada no restante do tempo, exceto (a) para informar o sujeito se ele está muito atrasado ou muito adiantado em relação ao previsto; (b) para estimulá-lo com um discreto elogio de vez em quando, e (c) se o sujeito omitir algum detalhe fundamental, as circunstâncias antecedentes ou o desfecho, lembrar-lhe alguma breve observação como p. ex.: *"O que levou a esta situação?"* De modo algum deve o psicólogo envolver-se em discussões com o sujeito.

O psicólogo deve interromper uma história demasiado longa e inconsistente, perguntando *"E como ela termina?"* podendo dizer ao sujeito que o que importa é o enredo e não uma grande quantidade de detalhes. Sujeitos que ficam intensamente absorvidos na descrição literal das pranchas devem ser educadamente alertados de que se constitui apenas um teste de imaginação.

Se o sujeito fizer perguntas sobre detalhes pouco claros, o psicólogo dirá *"Pode ser o que você quiser"*. Não deve ser permitido ao sujeito construir várias narrativas para uma mesma prancha, se esta for a tendência, deve ser dito que o sujeito deve aplicar seus esforços na criação de uma única história mais longa, e contendo em torno de 300 palavras (para sua informação, estes quatro últimos parágrafos contém 297 palavras) Deve-se escrever exatamente as palavras ditas pelo sujeito, usando abreviações comuns ou pessoais. Recomenda-se gravar as histórias e depois transcrever cuidadosamente o material.

Ao ser marcada a data da próxima sessão (deve haver um intervalo de pelo menos um dia entre a primeira e a segunda sessão), convém que o sujeito não saiba ou que não seja levado a pensar que serão solicitadas novas histórias. Esta expectativa poderá levar a pessoa a buscar enredos em livros e filmes assistidos, tornando o material mais impessoal do que quando obrigado a inventar histórias no impulso do momento.

Segunda sessão: de igual modo quando da primeira, estando o sujeito sentado numa cadeira confortável, ouvirá uma instrução de realização, conforme os modelos possíveis abaixo.

FORMA "A" – para adolescentes e adultos de grau médio de inteligência e cultura:
"Vamos fazer hoje o mesmo que da outra vez. Só que agora você pode dar toda a liberdade à sua imaginação. Suas dez primeiras histórias estavam ótimas, mas você se limitou demais aos fatos do dia-a-dia. Agora, eu gostaria de ver do que você é capaz quando deixa de lado as realidades comuns e põe sua imaginação para funcionar, como acontece num mito, nas histórias de fada ou numa alegoria. Aqui está a primeira prancha".

FORMA "B" – para crianças, adultos pouco inteligentes ou de pouca instrução e psicóticos:
"Hoje eu vou lhe mostrar mais algumas pranchas. Será mais fácil porque as pranchas agora são bem melhores, mais interessantes. Você me contou ótimas histórias outro dia. Agora quero ver você fazer algumas outras. Se puder, faça-as mais emocionantes do que as outras – como acontece num sonho ou num conto de fadas. Aqui está a primeira prancha".

PRANCHA EM BRANCO: A prancha número 16 é dada com uma instrução especial: "Veja o que você pode ver nesta prancha em branco. Imagine alguma cena aí e descreva-a em detalhe". Se o sujeito não conseguir, o examinador deve dizer "Feche os olhos e imagine alguma coisa". Depois que o sujeito der uma descrição completa daquilo que imaginou, o psicólogo deve dizer "Agora me conte uma história sobre isso".

23. ENTREVISTA SEGUINTE – Para interpretar é útil conhecer as fontes que deram origem às várias histórias. Dependendo das circunstâncias, este inquérito pode ser feito imediatamente ou após alguns dias. O examinador pode justificar suas perguntas explicando que está investigando fatores que contribuíram para a execução dos enredos literários ou, então, elaborar outras afirmações verossímeis para conseguir uma atitude de cooperação. Em todos os casos o sujeito é solicitado a lembrar das fontes das suas idéias, provenientes delas de sua experiência pessoal, das de amigos e parentes ou ainda de livros e filmes. Pode-se voltar a lembrar o enredo das histórias significantes, estimulando-o a falar livre e abertamente. As histórias do TAT fornecem numerosas provocações como pontos de partida para associações livres.

BIBLIOGRAFIA

MORGAN, W. G. (2003) **Origin and history of the "Series B" and "Series C" TAT pictures.** *Journal of Personality Assessment*, 81, p. 133-148.

MORGAN, W. G. (2004) **Gone but not forgotten: The origin and history of the TAT-II pictures.** Paper presented at the 2004 Midwinter Meeting of the Society for Personality Assessment, March. Miami, Florida (USA).

MURRAY, H. A. (2005) **TAT: Teste de Apercepção Temática.** 3ª ed. adaptada e ampliada. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TELLES, v. S. (2000) **A desvinculação do TAT do conceito de 'projeção' e a ampliação de seu uso.** *Psicologia USP* (São Paulo), Vol. 11, n. 01, p. 63-83.